

21/06/2024

Guetos**Valdir Specian**[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Dizem que a história se repete, talvez! A leitura sobre os acontecimentos na contemporaneidade parece mostrar repetições, nefastas recorrências. Se ela, a história, se repetisse, estaria a humanidade andando em círculo? No passado/presente de barbáries cometidas pelos homens contra a humanidade se destacam as imagens (filmicas em muitos casos) do Gueto de Varsóvia – Capital da Polônia invadida pelos alemães na Segunda Guerra Mundial.

Os guetos eram os espaços onde forçadamente se concentravam os judeus nas cidades. Os alemães, segundo os registros, criaram cerca de 1000 guetos pela Europa. Concentrar para controlar. Controlar para eliminar! Estima-se que no Gueto de Varsóvia, criado em 1940, foram concentrados mais de 350 mil judeus. Os Guetos eram áreas pequenas e insalubres, as piores áreas das cidades onde não cabia toda a população. Talvez a fome e as doenças matassem mais que as balas do Esquadrão de Proteção, conhecida como SS alemã, em seus tiros por diversão. No Gueto de Varsóvia, os judeus doentes e famintos eram vistos como atração (teatro de terror) por aqueles homens e mulheres livres que atravessavam o gueto de bonde para ir e voltar do trabalho. O Gueto de Varsóvia é conhecido, virou filme, em decorrência do levante dos judeus que reagiram à ocupação da Alemanha Nazista. Antes do levante, assim como em todos os outros guetos, seus habitantes eram levados para os campos de concentração para serem mortos e carbonizados. Mulheres, crianças e idosos, fracos e doentes, eram levados para a morte.

O levante provocou algumas baixas nos soldados alemães, uma vergonha para o poderoso exército. Os judeus do levante já sabiam que o embarque no trem era o embarque para morte, resistiram o que puderam, mas foram massacrados, mortos e violados, queimados vivos, talvez. Bom, acho que podemos parar por aqui... todos conhecem ou deveriam conhecer a história.

A “pedagogia” dos Guetos da segunda-guerra se reproduziu ao longo da história contemporânea.

Seja em países ricos e/ou países pobres.

Os guetos de imigrantes em países da Europa, os guetos de refugiados de guerras na Grécia.

Os guetos de humanos sem cidadania, guetos de aflição.

No Brasil também temos nossos guetos, uns mais, outros menos conhecidos. As Vilas Júlia e Zilda, comunidades da outrora badalada Guarujá e suas praias da elite paulista, podem ser classificadas como “guetos”. Em 2023, o Estado que nunca aparece, desta vez entrou, torturou, espancou e matou nessas comunidades. O Estado “vingando” a morte de um agente da polícia de São Paulo. Para algumas mortes, as câmeras das fardas funcionaram, para a maioria não, apesar de que deveriam funcionar de forma ininterrupta.

Confronto, sempre o confronto!

Agora a regra mudou, em 2024, ligar ou não ligar a câmera será uma opção de uma central e/ou do próprio agente. A polícia não pode ser vigiada, apenas professores – doutrinadores ou não – é que devem ser vigiados em seus locais de trabalho. De norte a sul do país são inúmeros guetos. Comunidades abandonadas à própria sorte.

Mas sempre tem alguém que controla, cobra taxas, espanca, mata, provoca sofrimento. Quando o Estado entra é para matar.

É fato que aqui não temos trens da morte, mas não existe nenhuma garantia de voltar para casa vivo depois de mais um dia de trabalho. Pode acontecer que uma bala perdida encontre alguém: um trabalhador, uma criança voltando da escola, um músico, você!

Nas pequenas cidades do interior também existem guetos acanhados. Em comum, nos guetos brasileiros, em grandes ou pequenas cidades, ou mesmo no campo, sabemos quem mata e quem morre.

A cor de pele define a probabilidade da abordagem do Estado, define o tratamento ofertado. Os jovens pretos sabem – o Estado olha para eles de forma diferente. Em nome da suposta segurança tudo pode.

Segundo o governador do estado de São Paulo – “queremos uma população segura, não um policial vigiado”. Como a história parece estranhamente se repetir... o que Dizer de Rafah – na faixa de Gaza?

Os palestinos, vindo do norte, foram sendo empurrados para essa cidade. A cidade de Gaza foi destruída. Rafah fica na fronteira, fechada, com o Egito. A cidade não suporta a quantidade de refugiados vindos de outras localidades palestinas. Os palestinos estão presos entre as linhas do exército israelense que avança sobre a cidade e os blindados egípcios ao seu lado da fronteira. “As pessoas estão em suas casas, quem sair é atacado por drones do exército israelense”.

Que casa? Antes da nova ofensiva israelense, Rafah tinha aproximadamente 280 mil habitantes, estima-se que a cidade tenha recebido mais de 800 mil refugiados. Como? Um ou mais campos de refugiados famintos não é casa! Mas eles também são atacados. “Um erro trágico”, como disse o genocida primeiro-ministro. Rafah agora é um gueto! O gueto da fome; o gueto da vergonha; o gueto da morte; do fracasso da humanidade. O gueto da ausência de Direitos Humanos. A vergonha é tão grande que não se dá ao trabalho de convidar as pessoas para uma viagem sem volta de trem.

Não há trens. Mas tem aviões que jogam bombas e que de forma milimétrica mandam para os ares crianças, mulheres e idosos – e talvez algum terrorista.

A Guerra tem fim?

A guerra esfria e esquenta na mídia controlada.

Uma guerra nem acaba e outra começa.

Infelizmente a história se repete.

Aonde ela irá se repetir?!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.